O DEMOCRATA

(AVENÇADO)

Semanário Republicano de Aveiro

Redacção e Administração
Rua de Santa Joana, 35
Comp. e Imp.—IMP. UNIVERSAL-AVEIRO
R. Combatentes da G. Guerra—Telef. 125

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e Administrador
Manuel Alves Ribeiro
Correspondência dirigida ao Director
Publicidade Lisboa e Pôrto *Agência Havas*

ANO 39.º — N.º 1934

Sábado, 30 de Março de 1946

VISADO PELA CENSURA

O baile dos "Galitos,,

Realizou-se no dia da tradicional *serração da velha*, no Teatro Aveirense, o baile que o *Club dos Galitos* dedicou aos seus associados e famílias, que ali afluíram em regular número.

Decorreu na melhor ordem, dançando-se até à madrugada de quinta-feira, ao som de dois *jazzs*, tendo-se, porém, notado a falta daquela diversidade de costumes que noutros tempos caracterizavam a *Mi carême*.

As decorações do Teatro estiveram a cargo de Belmiro Fartura, que mais uma vez mostrou o seu geito e o bom gôsto de que tem dado provas, como ornamentista e Rolando Correia, que fez as instalações da luz. O conjunto, dando nas vistas, atraiu as atenções da assistência, que teceu elogios aos artistas transformadores da fisionomia da nossa casa de espectáculos. Honra lhes seja.

A' Direcção dos *Galitos* as nossas felicitações pela maneira como decorreu a festa, com agradecimentos pelo convite com que distinguiu o *Democrata*.

O novo horário das escolas

Alguns colegas transcreveram o artigo aqui inserto sob o título da epígrafe, manifestando-se de acordo com êle.

Que mais será preciso?

Agradecemos

—o—

O *Regional*, de S. João da Madeira, noticiando, também, a passagem do nosso aniversário, deseja ao *Democrata* muitos anos de publicidade e longos anos de vida ao seu director.

Quem dera. Visto termos ainda algumas contas em aberto...

A MARINHA MERCANTE

—o—

O aviso prévio recentemente apresentado na Assembleia Nacional por um deputado, foi magnífica oportunidade para que mais uma vez ainda fôsse prestada justa e completa homenagem ao plano há pouco elaborado pelo sr. Ministro da Marinha.

Na moção apresentada pelo Govêrno, de novo se afirma a convicção da nossa Câmara política de que o Govêrno assim como tem tratado e resolvido tantos e tão importantes problemas, saiba resolver mais êste, de facto da maior e mais instante importância.

ASSUNTOS LOCAIS

O TEATRO AVEIRENSE

pelo dr. Alberto Souto

A hora da razão, da justiça e do bom-senso tinha de chegar. Essa era a hora que eu esperava. Esperei-a durante dois anos, pelo menos. Não era, apenas, a minha hora nesta questão; era a própria hora da verdade e a do respeito devido à tradição aveirense.

Agradeço a Deus a graça de a vêr, de a ouvir e de a gozar. Outros não tiveram essa dita!...

Estas questões são pequenas para os estranhos e para os *estrangeiros* e *estrangeirados* do meio. Mas o meio também é pequeno e, assim, a questão era grande para o meio. Em branco não podia passar e não passou.

Há dois provérbios da sabedoria das nações que parece que nunca envelhecem, porque já teem milhares de anos e continuam a ser observados em circunstâncias análogas:

Um é o que diz que *Deus dementa primeiro aqueles a quem quere perder*. Outro é aquele que diz — *ajuda-te que Deus te ajudará!*

A hora que, pessoalmente e como cidadão de Aveiro, vivi na assembleia geral do Teatro Aveirense no último domingo, foi uma das mais felizes da minha vida pública e confirma, para o lado de lá e para o lado de cá, a *sabedoria das nações*.

Ali, onde há dois anos fui coberto de impropérios por energumenos que adrede se infiltraram na assembleia — na assembleia de uma sociedade a que pertenceram, noutro tempo, alguns dos mais cultos, dignos e distintos homens do então muito culto e distinto meio aveirense; ali, onde, no ano passado, e na minha forçada ausência, se atirou aos pés do meu nome com a pele dum gato morto sob a forma de discursatas inanes e ridículas censuras; ali vi eu o tal *virar de maré* sob a forma de um impressionante brado de consciência que reboou na cidade e que dizia — *ele tem razão!*

Algumas pessoas, sobre cuja atitude a minha impressão não era agradável, tiveram a hombridade de me procurarem e de me dizerem cá fora e lá mesmo durante a sessão: — *Sr. dr.: da outra vez estivemos contra si. Mas agora estamos consigo. O sr. dr. tinha razão!*

Consolou-me o facto e consolou-me a atitude de extrema atenção com que fui acolhido e ouvido e o apoio e concordância que me foram manifestados. Para mim era o menos; mas para a causa era muito.

Desfez-se, em grande parte, o péssimismo que o meu último artigo traduzia.

O *Teatro Aveirense*, como instituição, não ardeu ainda desta feita e talvez renasça, até, dos princípios do incêndio que se atalhou a tempo, para brio e bem da nossa comunidade.

Sempre é bom lutar, bater e debater. Ainda vale a pena arcar com ódios e afrontar malquerenças quando se defende a Verdade e se está cheio de razão. Posso enganar-me, mas quero crer que depois do que se passou na assembleia geral de domingo, não terão êxito e não poderão, sequer, esboçar-se, mais, quaisquer veleidades de absorção interesseira, próxima ou longínqua, daquela fundação ou de qualquer fundação de sentido público e domínio colectivo.

Ainda bem. E bem será, se assim fôr.

Se assim fôr?

Ha-de ser assim, porque já não é possível ser da maneira que alguns julgaram ser viável e ser fácil!

Com coisas destas os negócios são impossíveis enquanto houver quem dê o alarme e esteja disposto a combater.

O *Teatro Aveirense*, sociedade anónima de responsabilidade limitada, com todos os defeitos legais, fundamentais e orgânicos a que me tenho referido e com muitos outros que não vieram ainda a lume, a Sociedade do *Teatro Aveirense*, que é essencialmente uma obra de interesse público da cidade de Aveiro, porque para isso se instituiu, não ardeu de todo, como eu muito receei.

Felizmente!

Excluindo-me a mim da honra, endereço louvores e agradecimentos aos *bombeiros* que acudiram e com a agulheta do bom-senso apagaram o fogo!

Vigiem as cinzas, e oxalá nunca mais seja preciso tocar ao fogo no carrilhão dos perigos locais.

* * *

Vamos à reportagem.

Estavam convocadas para domingo último duas assembleias gerais; uma, a ordinária, de discussão dos actos e contas da gerência; outra, extraordinária, para reforma dos estatutos, cujo projecto prevê a emissão de novas acções, empréstimo por emissão de obrigações, possível remuneração dos directores e outras perspectivas, umas graves, outras simplesmente muito ingénuas e quási grotescas como a alteração do nome.

Eu compareci.

Tinha prometido, no ano passado, que lá havia de ir e lá fui.

Por inesperada, a minha presença causou surpresa e era visível a contrariedade de certas fisionomias.

Havia procurações na mesa, entre elas a do sr. dr. José Cardoso, irmão do sr. dr. Pompeu Cardoso e médico em Setubal.

Era para votar contra o advogado e amigo que o defendeu em Setubal num processo célebre!...

Tudo decorreu o melhor possível. O sr. João Luís Flamengo protestou na acta contra o facto de um dos livros de registo de acções não estar nas condições estatutárias, o que pode ferir de nulidade todos os averbamentos nele efectuados. E protestou bem. E' preciso legalizar o livro e revêr todos os seus registos. Mas os accionistas atingidos podem exibir as suas acções e tudo ficará certo, se quizerem que tudo corra em harmonia. Só poderia haver perigo para algum que lá figure como accionista sem nunca ter tido acções...

Alguns senhores exaltaram-se muito, mas o incidente sanou-se e o nervosismo dos contrariados foi ràpidamente acalmado pela serenidade da parte sensata da assembleia.

Por esta altura o presidente da direcção, sr. Egas Salgueiro, muito excitado, embirrou com o facto de eu ter sorrido a propósito de qualquer destas coisas pelas quais se não é obrigado a chorar. Com um benévolo bom humor pedi-lhe que se acalmasse e fiz-lhe ver que nem a lei nem o estatuto proíbiam o meu sorriso. Todos riram e o riso foi bom remédio para os nervos tensos.

O sr. Egas Salgueiro, honra lhe seja, recuperou o domínio de si mesmo e passou-se adiante.

O presidente era o sr. Jacinto Rebocho, filho, meu amigo dos tempos do Liceu, e que no fundo é uma boa pessoa, só tendo caído no êrro de trocar a nossa boa camaradagem de aveirenses pela gloriola do cargo que lhe deram para lhe empalmarem os votos familiares. O sr. Jacinto Rebocho denotava ter muita pressa e chamou-me à ordem, sem razão, em qualquer momento. Não me zanguei, mas fiz-lhe ver que, se tinha pressa, era melhor fazer-se substituir por outra pessoa, porque aquilo demoraria muitas horas e não podia acabar num dia, e, demonstrando-lhe que estava no uso dos meus direitos, convenci-o, a êle e a todos, de que seria inútil tentar-se contra mim qualquer abafarête.

O sr. Jacinto Rebocho sabe pouco daquelas presidências, mas como é dos que tomaram chá em pequenos no meio de uma família distinta como era a sua, concordou comigo, pediu-me desculpa e o incidente liquidou.

* * *

Na ordem do dia, fiz a devida crítica ao critério administrativo da Direcção, com uma lealdade tal que analisando verba por verba a conta de *Despesas Gerais*, disse à Direcção que *não era por aí que o gato ia às filhoses*.

Na conta de exploração é que era o demónio!

Desvio ou roubo, não o pensava eu, nem queria insinua-lo.

Nem o pensava nem o quero insinuar, repeti. O que houve foi uma direcção dispendiosa e desastrosa orientação: foi saturar o meio frequentador do teatro com espectáculos e sessões que deram prejuízo relativo sôbre 1944 e sôbre 1943.

Esta orientação de tecnicos financeiros e teatrais, escolhidos como um autentico escol de salvadores, nas vesperas de uma pretensa reformação geral da casa e da sociedade, pelo aumento de capital, acções e chamamento de capital crédor por obrigações, é, na verdade, muito e muito discutível. Basta verificar-se que o lucro de cada espectáculo baixou de 987$60 em 1943 para 547$70 em 1945 sendo neste ano sob a administração dos srs. Salgueiro e Garcia.

Mas eu mesmo aprovaria as contas, disse, pois não aprovar as contas era supo-las falsas e eu próprio sem ver os documentos, acredito que elas estejam certas e documentadas.

O mal foi adotar-se um critério esbanjador de recursos pela multiplicidade de espectáculos que fizeram baixar o saldo quando subiu a receita 160.000$00 sôbre o ano anterior, no momento em que deviam procurar, predominantemente, os melhores resultados financeiros.

Enquanto expunha raciocínios desta ordem, o sr. Lucílio Garcia, muito exaltado, fez-me qualquer aparte intempestivo.

Ensinei-lhe a regra de que não se interrompe, assim, um orador sem se lhe pedir licença e aproveitei a sua deixa para um desabafo que parece que sensibilizou a assistência e que me ia emocionando a mim.

Tive, assim, ocasião de dizer que não espero, nem nunca esperei, nem tive, nem nunca quiz nem quero ter lucros de qualquer causa pública da minha terra, terra que tem sido para mim a mais funesta mas a mais bela paixão de todas as paixões da minha vida; amor a que tenho sacrificado trabalho, saude, vida e dinheiro, mas a quem só lamento não ter podido ofertar mais e melhor, como fizeram tantos outros, muito mais brilhantes e valiosos elementos da minha geração e da que me antecedeu. E, a propósito, prestei homenagem a todos os que me ensinaram a amar e servir a minha terra, e a quem eu acompanhei, entusiasticamente, nas campanhas travadas em prol do bem moral ou do bem material da cidade, campanhas cujos frutos já estão à vista e de que resultou o progresso que aqui se está verificando.

O sr. Egas Salgueiro, respondendo-me, soube mudar rapidamente do rumo anteriormente seguido nas suas relações comigo e teve dignidade e equilíbrio na sua atitude. Endereçou-me elogios, aliás imerecidos, e palavras de homenagem que podem ter sido, até, excessivas, mas que, na sua boca e num lance daqueles, causaram em toda a assembleia certa impressão.

Procurou defender-se, depois, da minha crítica; leu números e deu explicações, arranjadas à última hora num relatório suplementar, e que deviam ter antes aparecido no relatório da gerência distribuido impresso.

As explicações da última hora, porém, não alteraram o que sôbre os resultados nítidos da gerência se tem de pensar e o que resulta dos números que aqui dei no último artigo.

Algumas vezes intervieram no debate, e com o melhor acerto, grande aprumo e com aquela cultura que lhes é própria, os srs. tenente-coronel Carlos Gomes Teixeira e desembargador dr. Melo Freitas, que muito contribuiram para que a discussão fôsse elevada e a ordem perfeita.

Falou, também, o sr. dr. Manuel de Vilhena, defendendo a doutrina de que as contas se deviam aprovar sem se discutirem, pelo facto de, em seu entender, serem boas pessoas as pessoas que as apresentaram. Evidentemente que esta doutrina, como eu observei ao simpático colega, não é a do Código Comercial...

E ninguém mais abriu a bôca na sessão.

Voltei à análise dos actos da gerência para falar do perigo da urbanização que ameaça cortar a rua Gustavo Pinto Basto, o Teatro, a Praça da República e a Costeira, projecto contra que me manifestei abertamente.

Depois indiquei a necessidade de se reformar o balanço actualizando os valores do activo, onde, do complexo que é o Teatro, só o edifício figura, reduzido a 180.000$00 quando talvez valha 1.800.000$00.

Aqui é que ia ardendo Troia!

Lá o balanço alterado é que suas excelências não queriam. Que não podia ser, clamavam e teimavam. Mas a assembleia manifestou-se clara e categòricamente pela reforma do balanço. Pois como determinar o valor de paridade a estabelecer entre as acções actuais e as acções a emitir, acções estas a que o plano dos srs. Egas Salgueiro e Lucílio Garcia foi fixar o valor de 100$00?

Suas excelências estavam contra a assembleia e a assembleia contra suas excelências.

Entre suas excelências, o sr. Carlos Aleluia mostrava-se bastante mal disposto e ia-se dando um desaguisado com o sr. António Guimarães.

Então a senhora Direcção apresentou uma proposta, em que se tinha trabalhado muito durante a noite, e que era a da nomeação de uma comissão de accionistas para determinar o valor das acções. Era tarde e transigiu-se com a fórmula para acalmar os espíritos e evitar contratempos.

* * *

Passou-se, depois, à sessão extraordinária que se levantou imediatamente para dar azo a que a comissão possa proceder à avaliação do Teatro, do seu alvará e dos seus apetrechos e valores, o que tudo pode subir a muito mais de 2.000 contos.

Em 14 de Abril continuarão os trabalhos. Da comissão fazem parte os srs. tenente-coronel Carlos Gomes Teixeira, desembargador Melo Freitas, dr. Alberto Machado e dr. Francisco Soares, e é quanto basta para garantia de tudo e de todos e plena satisfação dos pontos de vista dos que pensam como eu, nesta questão, tenho pensado.

Se suas excelências tivessem começado por aqui; se o sr. Egas Salgueiro em 1944, quando se deu o primeiro alarme e eu fiz os primeiros avisos na imprensa, tem desistido de resolver em segrêdo e só por si e pelos seus sócios, dominados, dependentes, financiados e apaniguados, o caso do Teatro, e se tem chamado à colaboração pessoas como algumas que fazem parte da comissão agora

Falta de luz

Chama-se a atenção dos Serviços Municipalisados para a iluminação da ria, pois a maior parte dos candeeiros não dão luz.

E nesta altura em que todas as atenções incidem sôbre a Feira, mais se nota a sua falta.

Mudança da hora

De 6 para 7 de Abril vai a hora mudar outra vez, devendo os relógios adiantar-se 60 minutos.

Este ano não haverá duplicidade, rejubilando tôda agente com isso.

Um pensamento

Parece-nos que foi Neumezer quem o disse: *A alegria é juventude eterna, balsamo para dores e o licor do esquecimento das tristezas.*

Concordamos. Por ser uma bebida ultra agradável e *de circunstância*...

MERCADO DO PEIXE

Vai ser dotado com algumas mesas de mármore, que substituirão as antigas, de madeira.

Impunha-se.

"O Democrata,,

Teve a semana passada extraordinária procura o nosso jornal cuja edição se esgotou ràpidamente devido ao interesse despertado pelo artigo do dr. Alberto Souto sôbre o Teatro Aveirense. Constituiu êle o assunto palpitante de todas as conversas e por isso, não nos sendo indiferente o acontecido, registamo-lo, só lamentando que haja quem, de inteligencia esclarecida, não queira atender com serenidade, neste, como noutros casos, à verdadeira missão da Imprensa.

Atenção para a 4.ª página

Aos nossos assinantes

Pedimos o favor de não deixarem devolver os recibos apresentados pelo correio, tendo em atenção o aumento de despeza que isso nos acarreta e bem assim o trabalho administrativo do jornal, que não é pequeno.

Agradecemos.

nomeada, o caso mudava de figura e outro galo lhe cantara a êle e a outras pessoas.

Se suas excelencias se não tivessem perdido em perigosas e duvidosas manobras, o publico estaria há dois anos sentado em poltronas modernas e cadeiras cómodas, sôbre um sôlho novo e num teatro limpo, como eu preconisava e tanto aconselhei a que fizessem. O mirabulante plano desejava, porém, o teatro livre da hipoteca à Misericórdia, para se hipotecar ao dinheiro de suas excelencias, e desejava muito dinheiro em cofre.

Assim herdaram o Teatro livre de dividas e com muitas dezenas de contos em cofre, mas nem mataram os parasitas nem deram comodidade ao publico com cadeiras novas, ventilação e aquecimento, e acabaram pela carrapata que todos conhecem!

* * *

O problema quere reflexão, ou arderá tudo no desastre dos encargos.

Desejo, apenas, que encontrem a melhor solução por forma sensata. Por forma sensata e por forma digna das nossas responsabilidades colectivas perante o passado e perante o futuro.

Nada mais quero.

E viva Aveiro!

Feira de Março

A concorrência ao nosso mercado anual, que abriu no domingo, como noticiámos, não foi demasiada, devido ao tempo, que o prejudicou, o mesmo acontecendo no dia imediato. No entanto têm-se feito importanres transações, não havendo motivo para desânimo por parte dos que a êle concorrem.

Acham-se montados dois *stands*, um da *Mercantil Aveirense, L.da* e outro da Fábrica da Vista Alegre, que têm atraído as atenções da publico, constituindo um bom motivo de propaganda dos produtos que expõem.

No capitulo diversões temos o Circo Luftman, que há anos aqui nos vinha e cujos trabalhos têm sido muito apreciados; os automóveis electricos, um carroussel, etc. A exploração do Pavilhão Municipal está sendo feita de molde a bem servir a clientela, o mesmo sucedendo no Pavilhão do Casal, onde não há mãos e medir, tal a afluência de apreciadores das saborosas farturas que ali se fabricam com todo o esmero.

Para remate desta breve notícia não queremos deixar de nos referir à fonte luminosa, que é abastecida pela água que se destina à cidade e que é de surpreendente efeito, e também ao pórtico da entrada da Feira, que achamos curioso e original, sendo ao mesmo tempo agradável à vista.

Alguns diários teem-se referido ao certamen com elogiosas referências dignas de apreço.

* * *

O primeiro festival deve realizar-se na noite de 7 de Abril com o concurso do Rancho das Cantarinhas, de Verride, e duma banda de música.

Reverterá a favor das duas corporações de bombeiros que estão encarregadas de o organizar.

BANCO DE PORTUGAL

Recebemos o relatório da sua administração, que é um documento bem elaborado, dando-nos conta pormenorizada da boa ordem das finanças do Estado.

Agradecemos, bem como os cumprimentos dos agentes desta cidade.

O Parque

E' a nossa *sala de visitas*, o recinto escolhido para recreio de muitas famílias durante a Primavera e a estação calmosa, sendo muito admirado pelos visitantes.

Bom será, portanto. que se não deixe perder o que tanto custou a tornar em realidade e que se ficou a dever aos esforços, à persistência e à tenacidade do seu empreendedor —o dr. Lourenço Peixinho.

Pelo teatro

Dois espectáculos estão anunciados pela Companhia de Revistas do Teatro Avenida, de Lisboa, que nos visita na próxima semana, e da qual fazem parte Laura Alves, Maria Clara, Dina Tereza, Carlos Alves, Alberto Chira, João Pio e outros elementos, incluindo um grupo de *girls*.

Representará na noite de quinta-feira a *Bolacha Americana* e na seguinte a aplaudida revista *Alto lá com o charuto!* que tanto sucesso obteve em Lisboa.

A procura de bilhetes tem sido grande.

Benemerência

Os 100$00 que o sr. Jeremias Vicente Ferreira, sócio n.º 1 do *Recreio Artístico*, destinou aos pobres dêste jornal, foram assim distribuidos:

A quatro envergonhados, 10$00 a cada um; Maria da Piedade, R. Almirante Reis; Ilda Aurora Ramos, R. Direita; Conceição Taínha, R. da Granja; Luísa Peixinho, idem; Amélia Peixinho, idem; Adelaide Vilaça, R. de S. Martinho; Margarida de Matos, R. da Sé; Adelina Almeida, idem; Carolina Pádua, R. do Vento; Ernestina Chichaia, R. de Sá; Luísa Chíchaia, idem e Angelina Galega, R. da Fonte Nova, com 5$00 a cada.

Em nome dos contemplados, os nossos agradecimentos ao sr. Jeremias Vicente Ferreira.

Capitão Alberto Faria

Não podendo resistir ao sofrimento, faleceu ontem, no Hospital, onde lhe tinha sido amputada a perna direita, o sr. capitão Alberto Teixeira de Faria, que contava 68 anos de idade.

Sem tempo nem espaço para uma notícia mais circunstanciada, no próximo número lhe dedicaremos mais algumas linhas, como merece.

Receba, no entento, a desolada família as nossas sentidas condolências.

A Torre Eiffel

Faz amanhã 57 anos que foi inaugurada a célebre torre, que é hoje um expressivo sinal fisionómico da Cidade-Luz e no cimo da qual o célebre engenheiro que lhe deu o nome desfraldou o pavilhão tricolor da França depois de ter subido com as altas autoridades que o acompanhavam os 1792 degraus desse monumento para atingir a sua altura, que é de 276 metros.

Também já os subimos mas foi .. de elevador, há 10 anos, por as massadas estarem proibidas.

Que admiravel, que soberbo, que empolgante panorama de lá se disfruta!

O mais engraçado é que essa obra teve inimigos encarniçados como aqueles que lhe chamaram *inutil* e *monstruosa torre Eiffel* e outros que em protestos veementes, perguntavam:

—Irá a cidade de Paris associar-se por mais tempo às extravagantes ideias de um construtor de máquinas para se afeiar irreparavelmente e se deshonrar?

Todavia, a Torre Eiffel ainda se ergue impavida, para glória do artista que a concebeu e a fez construir, tornando-a um simbolo da França, digno da maior admiração.

Notas Mundanas

Aniversários

Fez ontem anos o sr. José Bernardino Pereira; hoje fá-los a professora sr.ª D. Irene dos Santos Cruz, esposa do sr. Francisco Simões Cruz, empregado na Agência do Banco de Portugal; àmanhã, as sr.as dr.ª D. Natália Malaquias Pereira, professora do Liceu de José Estêvão, D. Maria da Conceição Pina Reis e D. Leonor do Carmo Carretas, esposas, respectivamente, dos srs. António Martins Pereira, dr. Hermes Ala dos Reis e tenente António Pedro Carretas, e D. Rosa Ferreira dos Santos; a galante Maria Adozinda Gamelas Cardoso, filha do capitão-médico sr. dr. Vitorino Cardoso, e os srs. capitão Casimiro Marques e dr. Carlos Vidal, médico na Costa do Valado; no dia 2 de Abril, a professora sr.ª D. Maria Isabeth Marques Veludo, esposa do sr. António Veludo, aluno de Direito da Universidade de Coimbra, e a menina Marília Zaira de Sousa, filha do sr. Reinaldo Neto de Sousa, chefe da Secretaria Judicial de Penafiel; em 3, o menino Carlos José, filho do comerciante sr. Ernesto Vieira; em 4, a sr.ª D. Maria Celeste Soares Ferreira, esposa do sr. António da Costa Ferreira e a interessante Esmerinda Neves, filha do sr. João Neves, de Verdemilho; e em 5, o sr. Virgílio de Almeida, chefe da Estação Telégrafo-Postal.

Casamentos

Consorciou-se, há dias, a menina Irene da Costa Almeida, filha do sr. Amadeu de Almeida e Silva, com o sr. Alberto Ferreira Pires, empregado na Foto-Central.

Assistiram as famílias dos nubentes e outros convidados, tendo servido de padrinhos a professora sr.ª D. Maria Isabel Farto Ramos e marido, sr. Henrique Ramos.

Muitas felicidades.

Gente nova

Na igreja de S. Gonçalo foi batizada, domingo, a filhinha da sr.ª D. Maria Luisa Machado Pais de Almeida e de seu marido o engenheiro-agrónomo sr. Artur Pais de Almeida.

Serviram de padrinhos a sr.ª D. Isabel Pais de Almeida (Palhavã) *e o sr. dr. Alberto Soares Machado, director clinico do Hospital, respectivamente tia e avô da creança, que recebeu o nome de Maria Tereza.*

Em casa da familia Soares Machado houve, nesse dia, uma festa íntima para comemorar o acontecimento.

Partidas e Chegadas

Estiveram nesta cidade os srs. Luis Peixinho, residente na capital; Acurcio Maia de Albuquerque e esposa sr.ª D. Mauricia Bernardo de Albuquerque, professores na Bairrada, e Jeremias Rodrigues Paula, empregado de Finanças em Portel.

Doentes

Não tem passado bem de saúde o nosso amigo dr. Humberto Leitão, esclarecido clinico.

Desejamos o seu restabelecimento.

A amizade secular

São muitas já, felizmente, e magníficas as páginas da história do Estado Novo que afirmam e impõem o nosso prestígio internacional. Entre todas, porém, merecem especial relêvo e consideração, as que se referem à aliança inglesa, eixo inevitável e certo de tôda a nossa política externa. Mas se nestas é possivel assinalar referência especial, essa deve ir para a visita que ora nos foi feita pela esquadra de Sua Magestade Britânica.

Quando a Inglaterra quiz honrar um país, mandando-lhe a sua esquadra em visita de Paz, a primeira que os gloriosos e heroicos marinheiros realizam depois da guerra em que viveram e se bateram como herois, o país escolhido foi Portugal, o mais velho aliado da grande nação aliada.

E o facto, que já não é único na história da nossa amizade secular, assume nestes dias ainda delorosos e incertos da história do mundo, aspectos de todo o ponto dignos de interesesse e apreço.

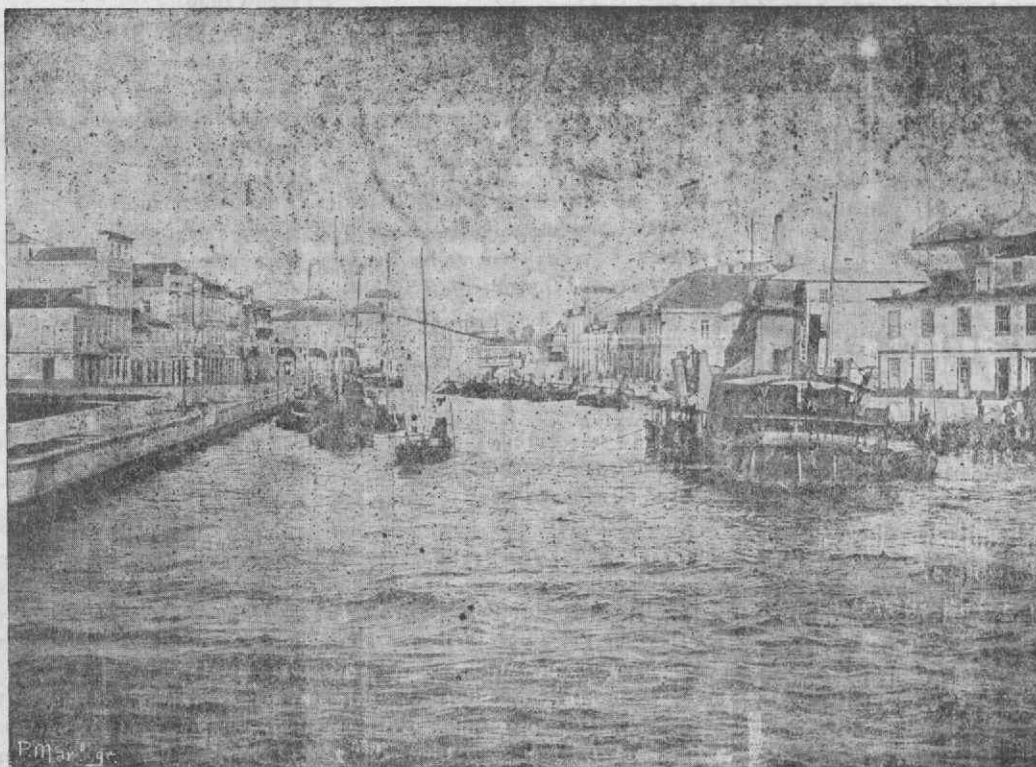
Foi assim no século XIV quando a Inglaterra, querendo ajudar a independencia feita heroicamente pelo Mestre de Aviz, nos enviou o Duque de Lencastre, irmão do soberano, e mais do que isso, nos deu para esposa de D. João I essa admirável senhora que foi a Raínha D. Filipa de Lencastre em cujas entranhas se fez a geração dos inclitos infantes.

Depois, séculos passados, voltou a ser assim, quando o Rei Eduardo VII quiz dar uma nova e evidente prova da sua amizade por Portugal e por el-Rei D. Carlos I, vindo ao nosso país realizar a sua primeira viagem de soberano, visitando-o.

Agora, a visita da esquadra de comando do almirante sir Edwar Neville Bifret veio ser ainda não só a afirmação de uma amizade que coisa alguma destroe ,como também a expressão vincada e eloquente da consagração da política do Govêrno de Salazar, dessa política de neutralidade colaborante que pôde ser, em certa altura, a melhor e mais prestimosa auxiliar do esfôrço de guerra da Grã-Bretanha.

A cedência de facilidades nos Açôres foi ainda, como muito bem o afirmou o almirante Sifret, um grande, um admirável contributo para a vitória dos aliados na qual Portugal pôs sempre suas esperanças certo e seguro de que só o triunfo e o engrandecimento da Inglaterra podia servir, efectivamente, os interesses e conveniencias de Portugal.

P. S.

AVEIRO E A SUA RIA

UMA VISTA DO CANAL CENTRAL

IMPRENSA

O Tripeiro

Saiu o n.º 10 da revista que o sr. dr. Magalhães Basto proficientemente dirige na cidade do Porto e é muito apreciada pelo escol dos seus leitores devido ao serviço que está prestando com a divulgação dos mais interessantes assuntos.

Muitas prosperidades lhe desejamos.

O Desforço

Ultrapassou o meio século e mais três anos vão decorridos depois da data em que víu a luz da publicidade na vila de Fafe, no ridente Minho, tanto da nossa predilecção que—temos a certeza—nunca cançaremos a vista, nem o espírito, nem o gosto de o atravessar sempre que a ocasião se nos proporcione.

O *Desforço* e Artur Pinto Bastos, que o dirige desde a morte do seu fundador, João Crisostomo, andam ligados de tal maneira que felicitar um é felicitar o outro, embora não seja motivo de regosijo fazer anos já na velhice, como diz.

Porquê? Nada de desanimos, Artur Pinto Bastos. Velhos são os farrapos... Por tanto, alma até Almeida. Siga o *Desforço* o seu caminho, a sua rota, e acompanhe-o, ampare-o com a sua experiencia jornalística, o seu trabalho, o seu amor à terra e as suas convicções políticas, não esmurecendo nunca. São êsses os votos que fazemos a bem de Fafe, que na retina temos gravada com todas as suas belezas naturais e melhoramentos conseguidos, e do seu povo—activo, laborioso, franco—que não lhe regateará louvores, como merece, e a quem de longe acompanhamos.

Obras camarárias

Em serviço de fiscalização da obra de abastecimento de água à cidade e para assistir à desinfecção da tubagem da rede de distribuição, esteve cá o sr. eng. Gomes Alvarez, da Repartição de Aguas e Saneamento, de Lisboa, e o agente técnico da mesma, sr. Antunes Gonçalves.

Também vieram a Aveiro os engenheiros Luis Guinappo Feronha e Henrique Pinto da França para estudarem, *in loco*, a execução do plano de saneamento elaborado pelo último.

MILHO, TRIGO E CENTEIO

Foram afixados editais prevenindo os seus possuidores de que deverão manifestar aqueles cereais, **na sua totalidade**, até o dia 7 de Abril, nas sédes das Juntas de Freguesia.

O manifesto da existência é feito por todo o individuo que seja possuidor de milho, trigo, ou centeio (produtor, rendeiro, negociante e particular) quer dizer: *todo o individuo que tenha qualquer quantidade de cereal em seu poder* **deverá manifestá-lo.**

O que fôr encontrado, depois da referida data, em trânsito, sem guia, ou em poder do individuo, sem estar manifestado, será apreendido e levantado processo ao detentor.

Livros

O Problema da Aviação

Um dos mais notáveis livros—*Un mond quit nait*—livro dêsse estranho ensaista europeu, o Conde de Keyserling, e cujo interesse reside no facto de ter sido escrito em 1924 e antecipar-se em dezenas de anos aos acontecimentos que o mundo acaba de passar, nesse livro Keyserling classifica a creança, o jovem, o homem moderno com alma de motorista.

O motor é a paixão, o encanto da creança, do jovem—e isto é um simbolo de uma nova civilização.

O avião é, sem dúvida, o aparelho que mais interessa ao homem de hoje—desde o homem comum, que nunca passará de sonho de uma viagem, até ao político, ao militar, ao homem de negócios, de que o avião faz parte da sua vida.

E a aviação tem os seus problemas. Desde os problemas técnicos, de pormenor, até aos problemas gerais de navegação, e, finalmente, as novas condições que cria à estratégia e à economia mundial, tudo é uma multiplicidade de assuntos apaixonantes.

É deste teor o livro que a «Biblioteca Cosmos» acaba de editar—o Problema da Aviação, pelo tenente-aviador Manuel Cardoso Barata.

Através as suas 200 páginas—e porque como o autor no-lo diz no prefácio—todos os assuntos inerentes à navegação aérea são tratados numa linguagem singela e com propósitos de divulgação popular.

Inumeras gravuras ilustram o texto.

NECROLOGIA

Em Esgueira, onde residia ultimamente, finou-se a semana passada, com 24 anos, apenas, a sr. D. Beatriz da Fonseca Santos, natural de Águeda, e esposa do sr. Joaquim Martins Porto.

A inditosa Tizinha, como a tratavam na intimidade, era filha da sr.ª D. Arminda Santos, funcionária dos correios, aposentada, e de seu falecido marido, nosso amigo tenente Lopes dos Santos, e irmã da sr.ª D. Maria Fernanda Santos Gouveia, casada com o sr. Amilcar Gouveia, empregado na Caixa Geral de Depósitos.

Lamentando que tão cêdo deixasse o mundo, acompanhamos tôda a família no seu desgosto.

* * *

Faleceram mais: nesta cidade, Virgílio Brandão de Campos, solteiro, de 61 anos; Maria Antónia da Silva, solteira, de 70, e Clementina Rosa, solteira, de 81; em *Mataduços*, Maria dos Santos Maia, de 80, casada com Manuel Gomes Gautier Júnior; em *Aradas*, Manuel Simões Morgado, casado, de 51; na *Quinta do Picado*, António Francisco Neto, viuvo, de 74, e em *S. Bernardo*, Maria Tomaz Vieira, de 40, casada com José da Cruz Pericão.

O Democrata vende-se no *Estanco Flaviense*, Rua dos Mercadores.

† Joana das Dôres M. Sequeira

Agradecimento

Seu filho, nóra e neta julgam ter agradecido a todas as pessoas que assistiram ao funeral ou de qualquer forma lhe testemunharam o sua amizade, mas podendo ter havido qualquer falta, alias involuntária, vêm por êste meio repará-la a todos protestando o seu reconhecimento.

Aveiro, 27 Março de 1946.

Artur Sequeira
Rosa dos Santos Guerreiro Sequeira
Maria Fernanda Guerreiro Sequeira

Agradecimento

Amadeu de Sousa, ainda doente, filhos e restante familia, reconhecidos, agradecem a todas as pessoas e colectividades que tomaram parte no funeral de sua saudosa esposa e mãe, Amélia Teixeira de Sousa e bem assim a quantos os acompanharam na sua dôr.

Aveiro, 23 de Março de 1946.

«O Democrata»

ASSINATURAS

(Pagamento adiantado)

Portugal (Ano)	30$00
Semestre	15$00
Colónias (Ano)	30$00
Estrangeiro (Ano)	40$00
Número avulso	$60

ANÚNCIOS

Mais duma publicação, contrato especial.

Comarca de Aveiro

2.º TRIBUNAL

Arrematação

1.ª publicação

No dia 4 do próximo mez de Maio, por 13 horas, no Tribunl Judicial desta comarca, à Praça da Republica e nos autos de acção de arbitramento para divisão de Causa Comum em que é requerente Maria Rosa Simões dos Reis, viuva, proprietária, do lugar de Taboaço, freguesia de Sôsa, desta dita comarca e são requeridos Diamantino Simões dos Reis e mulher Célia Caneio dos Reis, ausentes no Brasil; Maria José de Jesus Arada, também conhecida dor Maria José de Jesus, agricultora, por si e como procuradora de seu marido Manuel Martins Júnior, do lugar de Rio Tinto, da mesma freguesia; Deolinda de Jesus Arada e marido Duarte Simões da Conceição, agricultores, ela moradora no dito lugar do Taboaço e êle ausente na América do Noste; João Simões de Oliveira e mulher Maria dos Santos, proprietários, do mesmo lugar de Taboaço e Manuel Simões dos Reis e mulher Maria Clara de Jesus, lavradores, do dito lugar de Rio Tinto, vão ser postos pela primeira vez, em praça para serem arrematados pelo maior lanço que fôr oferecido acima dos respectivos valores que abaixo vão indicados, os seguintes prédios:

Terra lavradia e vinha, sita nas carneireiradas, limite de Taboaço, inscrita na matriz predial rustica da freguesia em Sôsa sob o art.º 4544 e registada na Conservatória do Régisto predial de Vagos sob o n.º 10.280 no valor de 1.861$20.

E terra lavradia e brejo nos Valinhos, limite do mesmo lugar, inscrita na matriz predial rustica da mesma freguesia sob o artigo 12.431 e descrita na referida Conservatória sob o n.º 10.275 no valor de 3.106$40.

Aveiro, 21 de Março de 1946.

Verifiquei:

O Juiz de Direito do 2.º Tribunal
António Victor Gorjão Nogueira

O Chefe da 2.ª Secção
António A. dos Santos Vitor

EDITAL

Virgílio Salvador Ricardo da Costa, Engenheiro Chefe da Segunda Circunscrição Industrial, Coimbra.

Faz saber que a firma *Ernesto Correia dos Santos & C.ª*, pretende licença para instalar a indústria de biselagem e espelhagem de chapa de vidro e serração e pulimento de mármores, incluida na 2.ª classe, com os inconvenientes de barulho, emanações nocivas, situada na Rua Comandante Rocha e Cunha, 104 e 108, freguesia de Vera Cruz, concelho e distrito de Aveiro.

Nos termos do regulamento das industrias insalubres, incómodas, perigosas ou tóxicas e dentro do praso de 30 dias, a contar da data da publicação e afixação dêste edital, podem todas as pessoas interessadas, apresentar reclamações, por escrito, contra a concessão da licença requerida e examinar o respectivo processo n.º 8.833, nesta Circunscrição Industrial, com séde em Coimbra, Avenida Sá da Bandeira n.º 111.

Coimbra e Secretaria da 2.ª Circunscrição Industrial, enm 21 de Março de 1946.

O Engenheiro Chefe da Circunscrição
Virgílio Salvador Ricardo da Costa

Aos Sócios da

Associação de Socorros Mútuos das Classes Laboriosas de Aveiro

se informa que a

Farmácia Morais Calado, à Rua de Coimbra, devido ao seu amplo sortido de **especialidades farmacêuticas, produtos químicos** e **aparelhagem** própria para qualquer execução de *receitas manipuladas*, está apta a executar com todo o escrúpulo e rapidez todo o receituário que tenha o visto do director mesário.

No desejo de prestar aos seus Ex.mos clientes as maiores facilidades, a **Farmácia Morais Calado**, à Rua de Coimbra, **(Tel. 149)** envia os medicamentos ao domicílio.

Horário dos combóios

Partidas para o norte	Partidas para o sul
5,27 (correio)	0,24 (correio)
6,20 (tram.)	7,43 (tram.)
6,54 (mixto)	10,04 (rápido) [3]
12,56 (rápido) [1]	11,15 (tram.)
13,06 (tram.)	15,41 (»)
17,24 (tram.)	19,28 (rápido) [1]
20,40 (tram.)	21,54 (mixto)
22,05 (rápido) [2]	Do Porto chega um tram. ás 21,07 que não segue.

(1) Todos os dias, excepto domingos.
(2) Só se efectua aos sábados.
(3) Só às segundas-feiras.

Linha do Vale do Vouga

PARTIDAS	CHEGADAS
7,55	10,49
14,34	15,57 (1)
17,43 (1)	19,16
20,03 (2)	23

(1) A's terças, quintas e sábados.
(2) Só até à Sernada.